

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, Manuel Homem Chr

SEMANTARIO REPUBLICANO

Numero 169

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

O CAMPO DA HONRA

Apezar de estarmos, já, n'este paiz, acostumados a tudo, a acta curiosissima, aqui publicada no ultimo numero, causou espanto em toda a parte e em toda a parte foi alvo das maiores zombarias e galhofas, na parte respeitante ao cidadão Accacio Roza e ás suas testemunhas.

E' que aquillo, na verdade, foi além do melhor que tem apparecido no genero, além de tudo quanto se poderia suppôr, quanto se poderia imaginar.

Unico! Unico!

Vergonhosamente unico.

Um biltre declara que dirigiu a um homem as mais graves accusações sem prova nem indício algum da verdade d'essas accusações, apenas para se vingarem d'esse homem por lhe terem dicto que era elle o auctor d'uma carta anonyma que lhe contrariou uma pretensão, e dois figurões, dois importantes, dois da fina roda, dos taes da roda do campo da honra, não só subscrevem essa declaração, como, depois de a perfillharem, terminam por dizer que liquidam a pendencia de forma honrosa para o seu constituinte.

Isto é o atrevimento mais descarado, concordemos, que, n'este paiz, já tão abjecto, se poderia plantasiar.

Um atrevimento que offende todo o mundo.

Sim; aquelle é dos taes que offendem. Causa indignação porque é affrontoso.

Que um jornalista se exceda no calor da polemica, indo até ás injurias, que seja insolente ou mal creado por uso e costume, vá. Mas que diga a um homem publico, a um deputado, que este arranhou beneficios parochiaes por um conto de réis, trocas de nomeações de escripturas por tres contos, que lho diga sem exaltações de polemicas, a' frio, que confesse depois que o disse sem PROVAS nem INDICIOS ALGUNS de verdade, e que dois sujeitos, ainda por cima, absolvam esse biltre, que outro nome não tem, de todo o crime e de toda a mácula e que, em nome da honra, á sombra d'uma ignobil convenção que se chama pendencia de honra, d'essa ignobil convenção que não só os torna irresponsaveis, á face das sagradas praxes, como, ainda a coberto das mesmas sacratissimas praxes, faça emmudecer todo o mundo, que fica attonito, boquiaberto, mas reverente e mudo, deante da sentença que absolve o biltre, e que, por demais, o concedera com a etiqueta ou diploma de cavalheiro, é d'um homem mandar as praxes para casa do diabo, de quebrar o encanto e sair do seu serio para os correr a todos

a pontapés e lhes amaehucar na tromba a ignobil e safada convenção.

Que grandissima pouca vergonha!

O campo da honra.

Que atrevidissima farça! Que revoltante mentira!

De resto, estes factos minusculos d'Aveiro são o reflexo fiel do estado moral do paiz. Isto seria uma ignominia para Aveiro, se todo o paiz não valesse a mesma coisa.

O sr. Jayme de Magalhães Lima, que declarou liquidada a pendencia d'uma maneira honrosa para o seu constituinte, é aquelle que, intimado a apparecer, por outro a quem ameaçou com um chicote, ficou sem apparecer até hoje. E' aquelle que, desafiado para o campo da honra, por ess'outro a quem ameaçou com chicote, não acceitou o desafio. E' aquelle que, depois de ter recusado o desafio, acceitou uma acta de fingida pendencia, pedida e sollicitada com instancia pelos seus amigos. E' aquelle que, injuriado n'um jornal pelo mesmo que ameaçou com o chicote, pelo mesmo que lhe disse que apparecesse com o chicote sem que o sr. Jayme jámais apparecesse, pelo mesmo a quem os amigos do sr. Jayme sollicitaram acta de falsa pendencia de honra depois do sr. Jayme ter regeitado a pendencia verdadeira e séria, esteve seis mezes a chocar a injuria do jornal para só chamar aos tribunaes o injuriante no fim d'esses seis mezes.

Claro é que, dados estes antecedentes, o sr. Jayme de Magalhães Lima foi coerente assignando a acta que declarou um cavalheiro o sr. Accacio Roza. Procedimento tanto mais correcto quanto o sr. Jayme Lima foi sempre considerado um homem de bem na acceção mais rigorosa do termo.

O sr. Joaquim de Mello Freitas, outro que declarou liquidada a pendencia d'uma maneira honrosa para o seu constituinte, é aquelle que, sabendo quem era o auctor d'um artigo em que se suppunha offendido, foi, com mais dois, atacar, não o auctor, mas um irmão d'elle que encontrou primeiro, proeza que o sr. Joaquim de Mello Freitas repetiu, em parte, uns poucos de annos mais tarde.

E o sr. Joaquim de Mello Freitas não ficou sendo, para todo o mundo, um homem de bem? Inegavelmente.

Então, coerente e correcto foi, agora, o mesmo excellentissimo senhor.

Incontestavelmente, inegavelmente, indiscutivelmente.

São tres puros heroes do campo da honra. Verdadeiros. Authenticos.

A culpa não é d'elles. E' d'esta podridão, esta enorme podridão que se chama a sociedade portugueza.

E quem se torna impertinente, quasi indigno, somos nós, a motejar do sr. Jayme de Magalhães Lima, homem respeitadissimo e consideradissimo por toda a gente, do sr. Joaquim de Mello Freitas, um coração d'oiro e um caracter e do proprio Accacio Roza, um pobre diabo afinal.

Quando muito, a respeitabilissima opinião concederá que o sr. Jayme de Magalhães Lima e Joaquim de Mello Freitas não pensaram bem no que fizeram. Não lhes chama tolos. Tolos?! Quem lhes chama tolos, e retolos, brutalmente, somos nós. Porque quem não é tolo e retolo, pelo menos, não vae dizer que um certo Accacio fez infamias só pela patifaria de fazer infamias. Logo, tolos e retolos, pelo menos, dizemos nós.

Que não, acode com o seu riso de prateral superioridade a respeitabilissima opinião. Tolos tambem não. Tolos de forma nenhuma. São dois homens muito intelligentes. Tolos? Ora essa! Não pensaram, não pensaram. Estavam abstractos, estavam distraídos, são assim.

E tem um homem que aturar isto!

Esta corja de burros!

Sendo muito pulhas, ainda são mais burros, do que pulhas.

E tem um homem que aturar isto!

Triste destino.

Linha do Valle do Vouga

Mais uma vez foi prorogado o praso para o concessionario d'este já decantado caminho de ferro constituir a companhia e dar começo aos trabalhos.

Ainda não vae d'esta. Está engravado.

Cartas de Nenlhures

Perguntam-nos porque não continuamos com as «Cartas de Nenlhures».

Estamos á espera!

Não perceberam?

Pois percebam.

Estamos á espera.

Ponte sobre o rio Caima

O sr. ministro das obras publicas determinou ao sr. Diniz de Oliveira, illustrado director das obras publicas d'este districto, que mande proceder aos estudos d'uma ponte sobre o rio Caima, satisfazendo assim o pedido em tempos feito pelos moradores da freguezia d'Ossela, concelho de Oliveira d'Azemeis, para que tal construcção fosse levada a effecto.

Cartas d'Algures

31 DE OUTUBRO.

O meu prezado amigo Basilio Telles, um homem, e n'esta simples palavra deixo eu consignada toda a admiração e estima que elle me merece, que sempre me mereceu, e que ha de merecer-me até á morte, tanto elle se sobrelevou á malta que eu conheci na politica, attribue nos dois primeiros volumes da sua *bibliotheca d'estudos sociaes contemporaneos, O Problema Agricola e Estudos Historicos e Economicos*, tão dignos de se lêrem, a causa principal da decadencia portugueza ao predomínio do espirito mercantil e á influencia semitica do sul, relegando para segundo plano a Inquisição e o Jesuita.

O catholicismo. Eu gosto mais de lhe chamar assim.

Não, meu caro amigo, não. Eu não estou d'accordo. Os lavradores pacificos, a grande maioria que se contenta com pouco, aquelles para quem a vida se cifra em pouca mais que abrir os olhos de manhã e fecha-los á noite, nunca dirigiram as sociedades, nunca fizeram a historia. Quem as dirigiu, quem constituiu as epochas historicas, foi a minoria dos turbulentos, dos ambiciosos, dos apaixonados. E a ambição ou paixão dominante, n'essa minoria dirigente, foi sempre a ambição ou a paixão do dinheiro. Os sábios, os artistas, os patriotas, os philosophos entraram n'esse numero em pequenissima quantidade. Os Nun'alvares foram pouquissimos no mundo. Os Alvaros Paes foram aos milhões. E isso em Portugal, como em Hespanha, como na França, como na Inglaterra, como em toda a parte.

Não foi só em Portugal que o espirito mercantil venceu o espirito agricola. Foi em todo o mundo. Depois, a decadencia portugueza é aproximadamente a decadencia de todas as nações catholicas. De todas, seja qual for a raça a que pertencerem. Esse facto impõe-se nitido, eloquente, implacavel. Logo, uma razão superior e common ha de haver para isso.

Não foi só aos portuguezes que a cupidez arrastou á conquista dos mares e das terras longiquas. Foi a todos os povos da terra. O motivo principal da guerra foi sempre essa cupidez, desde os Argonautas até Napoleão. A troupe napoleónica foi uma quadrilha de salteadores. Nada mais. E da guerra resultaram as mais celebres transformações politicas do mundo.

Mas ainda para ser salteador é necessario o fogo sagrado, a exaltação, que dá ao homem a consciencia da sua força, a confiança em si. Grande salteador, grande guerreiro, grande aventureiro, mercante poderoso, homem d'estado de cunho, santo ou philosopho, revolucionario ou martyr, não é qualquer; é só aquelle que arde na chamma da vida, aquelle que tira da chamma enthusiasmo e calor, aquelle que sente a sua força, que a apalpa e que confia n'ella.

Ora essa chama é que não ardia em Portugal no tempo do Prior do Crato. Nem hoje.

Nem hoje, meu caro Basilio. Nem hoje.

No tempo de João I, de Affonso V, de João II e de D. Manuel havia salteadores. Mas no tempo do cardeal D. Henrique já não havia senão gatunos.

O Basilio, ao que me parece, confunde. Não. Os homens que se vendiam a Christovão de Moura não eram salteadores. Eram gatunos. Salteadores eram os outros, os dos galeões das indias, os aventureiros do mar tenebroso e das terras desconhecidas ou longiquas. Gloriosos salteadores. Quem os déra cá! Esses salteadores são dos que arrebatam com a vida, tanta possuem, se a não expandem a golpes de espada e de punhal.

Mas os que andam nas antecamaras curvando a cabeça e estendendo a mão, ou são mendigos ou gatunos.

E o proprio João de Mascarenhas já enfileirava muito melhor com estes do que enfileirava com os outros.

Tambem nós boje temos heroes d'Africa. Mas são creaturas tententes a Deus e ao Nuncio de Sua Santidade. Principalmente ao Nuncio de Sua Santidade. E os outros, os salteadores, por mais que falassem em Deus certo é que não temiam Deus nem o Diabo. E, por isso, nas suas batalhas, não contavam os mortos authenticos, como se hontam hoje, nas heroicidades dos sertões africanos.

Mendigos, meu amigo, mendigos e gatunos. Os que se venderam á Hespanha não eram tal salteadores. Eram gatunos e mendigos, o que faz muita differença.

Mendigos e gatunos, creados pela invasão jesuitica, que lhes perverteu o caracter toldando-lhes o juizo.

Quem confia em Deus não confia em si proprio. Quem fia tudo de Deus, não fia de si coisa nenhuma. Quem anda aterrado com as penas dos infernos e com as torturas da inquisição, não tem aquella ancia da vida que dá o amor das riquezas, da gloria, da verdade, da sciencia, da justiça. Não arde na chamma da exaltação, no calor do enthusiasmo que dá força, e, acima de tudo, inabalavel confiança n'essa força.

Portugal, de João III por deante, foi um Portugal de rezas, de orações, de vida eterna. Foi um Portugal do outro mundo. Acocorou-se, deitou-se de barriga no chão a gritar misericordia, com terror do inferno. Só teve um ideal: ir para o céu. E para ir para o céu não era preciso trabalhar, nem praticar a virtude, nem ter sabedoria. Pelo contrario, quanto mais vicioso, mais ocioso e mais hurro, mais agradável a Deus. O que era preciso era ser servo fiel da Igreja Catholica. Servi-la, obedecer-lhe cegamente. E ella lá tinha as confissões, as absolvições, as indulgencias, as orações para livrar das penas eternas.

Portugal foi isso. Portugal é isso. Um Portugal do outro mundo. A moral catholica, com o seu desapego das coisas terrestres, com o seu odio ao saber, com o exemplo da ociosidade dos conventos, com a protecção aos vagabundos, com tudo o mais que faz d'essa moral um veneno terrivel, é bem sufficiente para explicar toda esta degradação do caracter nacional.

Bem sufficiente. Bem sufficiente. Não é preciso procurar a razão do mal em outra parte.

A revolução de 1640 não resuscitou a patria, porque não tinha ideal, porque não tinha chama que lhe desse calor para isso. Nem o podia ter. Foi um acto de desespero. Unicamente! Morrer por morrer, tanto fazia morrer na forca como morrer n'uma enxovia. Bazilio Telles diz muito bem. Mas, resolvido esse incidente, méro incidente na vida d'uma classe, o ideal ficou sendo sempre o mesmo: salvar das penas eternas e, feito isso, rir, folgar, vadear.

E enquanto os povos catholicos chafurjavam assim na ignorancia, na ociosidade, no vicio, os povos protestantes erguiam-se pelo saber, pelo pensamento, pelo trabalho, adquirindo um avanço que, difficilmente, se poderá, já, ganhar com o tempo.

As *Novidades* publicavam, ha dias, um artigo sobre o ensino superior, transcrevendo um trecho de Gustavo Le Bon e citando Spencer para demonstrar que a educação não altera o caracter. Notavel barbaridade, que os factos d'observação confirmam demonstram, além das opiniões scientificas que se podem oppôr, com grande vantagem, ás de Le Bon e Spencer, sem contar com as contradicções do proprio Spencer. Mas quando seja certo que a educação não altera o caracter, é incontestavel, e ali o accordo é unanime, que a instrução é o primeiro elemento do progresso industrial, commercia e agricola. Ali o accordo é unanime. Então basta. Não é preciso mais nada para explicar a espantosa decadencia do Portugal dos nossos dias.

Onde não ha trabalho, e sua condigna remuneração, não ha liberdade, não ha justiça, não ha ordem, não ha progresso.

Que em Portugal não ha trabalho, nem o pó se haver, porque nem as multidoes, nem as classes médias sabem trabalhar. Um dos grandes serviços do seculo desnoventa, considerado por varios economistas o maior que elle prestou á civilização, foi dar habito e educação de trabalho ás classes superiores. D'essa educação, das maiores ou menores facultades e aptidões de trabalho veem as differenças que caracterizam hoje os povos europeus. Povos creadores e povos devedores, diz Ferrero, no seu excellente livro: *O Militarismo e a Sociedade Moderna*.

«Os povos creadores», escreve o economista italiano, estão hoje na mesma condição em que se encontravam na civilização antiga, os povos dominadores pela força das armas; os povos devedores representam hoje os povos vencidos, subjugados, tributarios, da civilização antiga.»

Portugal, claro é, é o mais vencido, o mais subjugado, o mais tributario d'elles todos.

Porque? Pela sua formidavel ignorancia, ignorancia das massas, que nos deixou sem a melhora das machinas de trabalho, e ignorancia das classes médias e superiores, que nos deixou sem o melhor dos machinistas.

Figamos á mercê das oligarchias, dos sybaritas, dos mendigos e dos gatunos. Constituímos uma cadeia de protectores e protegidos, ainda na phrase de Ferrero, sem consciencia moral, sem solidariade social. Vivemos do emprego, isto, é, do favor, da esmola, portanto do servilismo e da intriga. Quem não tem padrinho morre moído. O primeiro objectivo, pois, é arranjar padrinho. Todos nós somos afilhados e todos nós somos padrinhos. E arranjado isso, que leve o diabo a justiça, a liberdade, a patria e tudo. Cada um governa se. Outros que se arranjam.

As aptidões são inuteis. O saber é escusado. Quem mais ganha não é quem mais sabe, nem quem trabalha mais e melhor. E quem tem melhor padrinho.

A industria, a agricultura, vi-

vem do mesmo compadrio, do mesmo servilismo, da mesma ganancia. As pantas não servem para as industrias se aperfeiçoarem, servem para os industriaes se locupletarem.

Os lavradores, como se vê no regimen dos trigos, não recebem auxilio dos governos, recebem favor em troca de favores. Dão votos e em troca dos votos tem protecção para fazerem o que quizerem.

E assim por deante. Pó se haver progresso, ordem, civilização, liberdade, justiça, num paiz de tal natureza? Não. Mas onde está a origem do mal?

Na influencia catholica. Essa é a causa primaria do mal, do grande mal. Na influencia catholica, que proclamou e manteve a ignorancia, a hypocrisia, a ociosidade, a vadiagem, o terror do inferno, a paz no céu e a resignação e abandono na terra.

Bastava que ella só tivesse proclamado e maldito a ignorancia.

E que a proclamou, e que a manteve, e que a manteve, porque o Estado portuguez, profundamente catholico, apostolico, romano, indubitavelmente acaricia a ignorancia, não ha duvida nenhuma, absolutamente nenhuma.

Pois, basta isso. Basta isso.

E voltaremos a este assumpto.

A. B.

O nosso amigo sr. Antonio Maria Ferreira, de Sarrazolla, ha annos estabelecidos em Lisboa, onde a sua firma foi sempre muito considerada, acaba de fazer compra ao sr. dr. Antonio Emilio de Azevedo da casa dos Balcoes, que em tempo foi do fallecido Agostinho Pinheiro, por réis 4:500\$000, para n'ella estabelecer uma padaria e conservaria em grande escala.

O «Hotel e Restaurante Cysne», que alli estava installado refundiu-se com o «Hotel Cysne Boa Vista», da sr.^a Herminia Peixinho, do qual tomou já hontem posse e onde continúa a receber os seus estimados hospedes.

Crime repugnante

Foi preso e deu entrada nas cadeias de Vizeu uma besta-fera, de nome Miguel Martins d'Oliveira, do logar de Lustosa, freguezia de Ribafeita, que tentou contra o pudor de sua propria filha de 17 annos!

Mariolão!

Retirou ante-hontem á noite para o Porto, o sr. José Ribeiro da Fonseca, 2.^o cabo de secção da policia civil d'aquella cidade que aqui se achava desempenhando, ha mezes, o cargo de chefe de esquadra.

Consta-nos que não deixou por cá muitas saudades.

Com um ataque de gripe enfermou gravemente na Costa de S. Jacintho a esposa do nosso amigo sr. Antonio Maria Ferreira. Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Embarcou hontem em Lisboa no paquete «Kaiser», o nosso patriocio sr. Eduardo José Mendes Leite, que va tomar posse do logar de impressor contractado da Imprensa Nacional de Moçambique, com sede em Lourenço Marques. Que tenha uma feliz viagem e gose muita saude, é o que sinceramente lhe desejamos.

HISTORIA LOCAL

Diz-nos marechal de Liliput, ou ordena ao garoto que o diga por elle, na immunda papeleta, que nós o louvamos e elogiámos quando foi da inauguração da estatua.

Louvamos, sim senhor. Elogiámos, sim senhor. E tirada a parte que havia de favor, e que ha sempre para amigos, ainda hoje louvamos e elogiámos. Mas quer isso dizer que *compadre* não quizesse a todo o transe que a estatua ficasse voltada para a Costeira? Quer isso dizer que *compadre* não apostasse garrafas de vinho do Porto em como a estatua havia de ficar voltada para a Costeira? Quer isso dizer que a estatua não ficasse estragada se *compadre* tem ganho a sua aposta? Quer isso dizer que *compadre* não nos houvesse escripto cartas confessando a sua impotencia e o nosso valor? Quer isso dizer que *compadre* nos não attribuisse valor decisivo em varias questões locais? Quer isso dizer que *compadre* não andasse muito mal em nos chamar calumniador de toda a gente, quando era elle que nos incitava a caluniar e dar elementos para a calunia? Quer isso dizer que *compadre* não houvesse caluniado tambem? Quer isso dizer que *compadre* não seja hoje um soberbão, desmentindo a sua origem?

Ora essa, seu *compadre*! Veja lá o que diz a este respeito.

Compadre n'esse tempo era republicano e amigo do povo. Um pouquinho bronco, não via bem as coisas. É por isso queria a estatua para o lado da Costeira. Por isso e para fazer a vontade ao seu presidente e mais socios. Porque *compadre* nasceu logo com aquelle feitiço de ser muito *cumprimentador*, muito *obsequiador*, muito amigo de se curvar deante dos grandes e já com tendencia para dar pontapé nos pequenos.

Mas, enfim, ainda vivia e convivia com o povo. Ainda tinha um certo amor á causa popular. Mas depois que o Luiz de Magalhães lhe deu um abraço e que o João Franco lhe desancou na loja, *compadre* fez se em fumo, subiu aos céos e desceu á terra transformado.

E agora é aquelle *fidalgão*, aquelle reaccionario, aquelle soberbão que se vê. Ficou a fazer fumo toda a vida.

Que foi elle que fez tudo na estatua, diz a papeleta. Que se não fôra elle teria ido tudo por agua abaixo.

Ora agora ali é que foi a senhora, *compadre*. Lá que o *compadre* fez bastante, fez. Justiça acima de tudo. Deixemos o exclusivo das garofices á garotada da papeleta immunda. Mas lá que fez tudo, mas lá que se não fosse o *compadre* teria ida a estatua por agua abaixo, isso alto, *compadre*.

Alto, *compadre*. Voltam as cartas no numero seguinte.

Alto, *compadre*. Saltam as cartas *compadre*. *Compadre* va ver uma bruxa.

Saltam as cartas para o proximo numero.

Já que o *compadre* o quer, assim seja.

Até domingo, *compadre*.

As santas "irmansinhas,"

Dizem do Entroncamento em data de 25 ultimo:

«Realmente, estar sempre a batalhar sobre o mesmo assumpto, torna-se aborrecido, mas os carregamentos das *taes bombas* continuam cada vez em maior escala e de forma que ainda que queiramos não podemos resistir a mais uma vez divertirmos os leitores, embora tenhamos necessidade de descansar por algum tempo, que não poderá ser muito.

No mesmo comboio n.^o 8 (correio) do Porto a Lisboa, e que aqui passa ás 3 horas e meia da manhã seguiam hoje mais dois carregamentos, isto é, dois compartimentos de 2.^a classe cheios á cunha das *taes bellissimas benemeritas*.

Estas *benfeitoras* da humanidade iam regularmente disfarçadas, envergando umas fatiotas quasi semelhautes ás das viavas, mas, pelas amarras dos *taes* chamados christos, que levavam em volta da cintura, e que se vendem no deposito que já indicamos n'outro numero, e ainda porque se lhes via perfeitamente por debaixo do capuz negro o toitico amarrado com um trapo branco, conhecia-se bem quem eram.

Já aqui temos dito por mais de uma vez, que, pelos continuos carregamentos que quasi todos os dias aqui passam com destino do Porto a Lisboa e vice-versa, era obra de montagem de novos agouges de carne humana para os lados do norte, e agora parece que razão tinhamos para o dizer e para confirmar a nossa supposição.

Mais uma vez prevenimos o publico, e principalmente as mães e os maridos, de que se acatelem com estas aves carnivoras.

E não as acompanhariam alguns masmarros?

Ante-hontem percorreram as ruas d'esta cidade algumas *pombinhas* do Senhor, esmolando pelas casas. O traje era vistoso, e de bastão em punho, como qualquer velho prior d'aldeia, por causa da *canzoada* lhe não tocar nas canellas.

Foi uma perfeita gallofa.

Deposito de moveis em Ihavo

O nosso amigo sr. Joaquim Maximo da Costa, habil mareneiro d'esta cidade, acaba de montar em Ihavo um importante deposito de moveis de madeira e ferro do mais fino gosto.

Na sua officina da rua de José Estevão, em Aveiro, continúa o sr. Maximo a receber todos os trabalhos de restauração e encomendas de mobiliarios dos seus numerosos freguezes.

Por todo este mez deve chegar a Aveiro uma lancha movida a gasolina, da força de 1 1/2 cavallo, para o sr. João Marques da Cunha, abastado capitalista.

Fallecimentos

Falleceu na ultima quarta-feira aos effeitos d'um typho agudo, aggravado por uma pneumonia dupla, uma galante rapariga de 18 annos, filha mais velha do sr. Antonio de Freitas, honrado canteiro d'esta cidade.

A seus paes e parentes, o nosso sentido pezame.

Tambem falleceu ante-hontem o sr. José Fernandes Melicio, antigo e honrado commerciante d'esta cidade.

«A Idéa de Deus»

O novo livro do snr. José Pereira Sampaio (Bruno), é uma prova, a mais, das immensas leituras do auctor—um homem que, na vida, disciplinou o espirito lutando pouco, agindo sempre indecisa e tardiamente, porém lendo, lendo, com uma imperturbabilidade stoica, uma insistencia indefessa, um amor de saber e uma necessidade de investigação singularmente pertinazes.

Já as obras que de Bruno conhecemos: a «Geração Nova», «As Notas do Exilio» e o «Brazil Mental» são verdadeiros repositórios de erudição, armazens de conhecimentos cuja variada sciencia difficil se torna notificar. Mas «A Idéa de Deus», excede em suggestão de estudos philosophicos tudo quanto tem apparecido na bibliographia portugueza. Corrobore-se syntheticamente esta nossa affirmativa pelo sumario que na capa do volume se estampa, e que em seguida reproduzimos:

«*Philosophia e metaphysica*—O ecletismo. Os transcendentalismos. Vacherot e a metaphysica positiva. Sua critica. *Mathematica e poesia*. O polaco Wronski e os portuguezes Margiuchi e Torriani. A Santa Alliança. O socialismo de 1848. A pequena burguezia e os programas minimos. *Superstição e religião*.—O neo-classicismo e o romantismo no paiz. A reacção clerical. Renan e o racionalismo. *Theologia e moral*.—O espirituismo e a telepathia. As allucinações auditivas e o auctor. Conclusões theoreticas dos factos registrados. *Contingente e necessario*.—A explicação mechanica do mundo e o argumento de causalidade. Leibniz, Clark e o principio da razão sufficiente. A theoria do erro e a certeza. A energia da materia e o espirituismo. *Infinito e perfeito*.—A oração, o padre Graty e a analyse infinitesimal. Descartes e o argumento de Santo Anselmo, Kant e o argumento cosmologico. A criação e o nada. O nada e zero. Qual seja o valor absoluto de zero nos diferentes systemas de numeração. De como é absurdo o adagio *Natura non facit saltum*. O Tempo e o Espaço. O Dualismo e o Monismo, igualmente falsos. *Mal e Bem*.—O idealismo optimista e o argumento teleologico. Hartmann e o calculo das probabilidades. O calculo das probabilidades e Auguste Conte. Imperfeição philosophica insanavel do calculo das probabilidades. Berthelot e a questão social. O supra-homem de Nietzsche e o supra-homem pela lei biogenetica da compensação. A lei da instabilidade do homogéneo, de Herbert Spencer, e a evolução regressiva de Deus. Novalls e a evolução progressiva dos mundos. Conclusões geraes.»

Evidente é que uma só rubrica das transcriptas n'esta summa, daria materia, á farta, para enchermos muitas columnas do nosso periodico, se pretendessemos methodicamente expôr a nos seus termos geraes, examinal-a no modo particular pelo qual o auctor a encara, e oppôr ou confirmar á doutrina expressa, o nosso pessoal parecer. E se, tão insignificante parcella de logica apreciação, nos levaria longe, sem todavia conseguirmos elucidar os leitores acerca do mérito d'este livro, claro que muito maior se nos representa a impossibilidade d'um exame, mesmo perfunctorio, ao vastissimo quadro do assumpto. D'elle só se póde ajuzar,—paraphraseando o que, ha pouco, Guerra Junqueiro disse de um auctor francez—em quatro linhas ou em duzentas paginas. E para que na segunda hypothese nos fixassemos, se, para isso, de tempo e engenho dispuzessemos, seria ainda indispensavel que depositassemos, inteira confiança na probidade litteraria do auctor, pois que, quando ousassemos verificar nos textos dos auctores

respectivos, os pensamentos e as theorias que B. uno lhes attribue, não nos chegariam para tal tarefa, os annos de vida que normalmente nos restam.

Folheando com attenta sympathia, esta nova producção de Bruno, a primeira preoccupação que nos assaltou foi a de nos certificarmos se aos nossos olhos se deparava um livro de sciencia ou um livro de litteratura. E' sabido que as duas especies são distinctas, e como o titulo escolhido pôde justificar-as a ambas, desejavamos, antes de mais nada, classificar o trabalho do escriptor, a fim de lhe applicarmos a sua restricta denominação. Infelizmente, a nossa insufficiencia analytica, nada colheu d'este sentido. Vimos muita sciencia; vimos tambem muita litteratura, mas não podemos asseverar que o livro seja, precisa e exclusivamente, uma coisa ou outra. Para esboço de uma philosophia, falta-lhe a austeridade do methodo que é proprio dos estudos meditativos; e para obra de ficção meramente litteraria, se, por um lado são rarissimas as paginas emotivas, por outro, abundam as digressões scientificas e as impressões doutrinarias, carregadas de vivo criticismo e de subtil dialectica.

Seja, porém, só sciencia ou só litteratura ou, ainda, as duas coisas confundidas e entrelaçadas, a verdade é, pelo pouco que podemos adiantar em questões de tamanha responsabilidade intellectual, que a ultima obra de Bruno honra sobremaneira as letras patrias, e vem trazer um elemento de incontestavel valor aos estudos philosophicos de que o entendimento portuguez tão arreado tem andado.

Mas, perguntará a si mesmo o leitor d'estas linhas, ansioso de conhecer as conclusões de Bruno, — a idéa de Deus é com effeito uma realidade, ou não passará de pura illusão, como tantos philosophos a julgam, e como, ás vezes, no desespero da nossa misera condição, ou no amargo cortir dos nossos infortunios, hereticamente a suppomos?

Para Bruno a idéa de Deus, comquanto difficil de penetrar, é uma realidade intellectualmente accessivel e humanamente inobjektavel. Logo, o erudito escriptor discutiu, cogitou, cahiu a fundo no vasto campo do theosophismo, apurou, destrinçou, comparou, raciocinou, elevou o seu espirito ás concepções mais arrojadas da creação e da ordem universal, concluindo, afinal, por deixar a idéa de Deus onde ella estava, está e ha de estar pelo dobrar incessante de séculos influáveis.

Assim tinha de ser! A idéa de

Deus é a idéa simples. E' o resumo impeccavel de todas as categorias do pensamento humano, a base de todo o saber, a fonte de toda a phenomenalidade, o conceito uno, anterior, fundamental e preestabelecido de tudo quanto a nossa razão se permitta prescrutar. D'ella promanam todas as religiões, todas as metaphysicas, todas as verdades da sciencia, todas as historias do passado e todas as hypotheses do futuro.

Quinhentas paginas escrevem Bruno na sua «Idéa de Deus». Poderá ter escripto quinhentos milhares d'ellas; poderá ter ajuntado seu sapiente esforço ao esforço de quinhentos milhões de sábios, que escrevendo, todos, quinhentos milhões de volumes, não conseguiram illustrar ou obscurecer um ápice, a inarravel simplicidade da idéa de Deus. — D. da T.

Tem sido enorme a quantidade de sardinha que as rédes do nosso littoral teem ultimamente arrastado, vendendo-se a 600 rs. o milheiro.

Novo apeadeiro

Abriu hontem á exploração para serviço de passageiros, pelos comboios tramwayes, o apeadeiro de Vallega, entre Ovar e Avanca.

COISAS DE LONGE

Drama n'um comboio

Dizem de Paris em data de 29 que entre as estações de Hennebont e de Landevault travou-se violenta discussão n'um wagon onde se encontravam alguns marinheiros mercantiles. Das palavras chegou-se ás pancadas e vivamente excitado, um dos combatentes abriu a portinhola e precipitou dois dos seus adversarios á via, quando o comboio corria com toda a velocidade.

Um guarda da linha que passou momentos depois encontrou os dois desgraçados estendidos na valleta, sem darem signal de vida.

Correu á gare de Hennebont, cujo chefe mandou transportar para o hospital os dois feridos, sendo o estado d'um d'elles bastante desesperado.

Vinagre de cidra

Um medico estrangeiro que, por desceu, entornou sobre a mão direita um frasco d'acido phenico puro, mettena immediatamente no liquido que tinha mais proximo e que era vinagre de cidra, sendo grande o seu assombro ao vêr a pelle da mão retornar o seu aspecto natural, a sua cor e as funcções.

res com paixão; como os tigres sabem adorar, expirando de amor ao lado das suas companheiras.

Hasam tinha de partir. Fiel observador dos preceitos santos, preparava-se para a sua viagem a Meca, a fim de ir ajoelhar junto do tumulo do Propheta, e agradecer lhe os bens que lhe concedia e as mercês que lhe outorgava.

Chegou o dia. A viagem era longa e perigosa. Os creados esperavam á porta, e Zoraya, abraçada a seu marido, derramava lagrimas de desconsolo e de ternura.

— Não chores Zoraya! — disse-lhe elle — Esta partida é necessaria. Adeus, e nada receies, dentro d'um anno estarei de volta. Seremos mais felizes que nunca, porque trarei comigo a benção de Allah.

E Hasam foi-se, e Zoraya viu-o affastar-se com as lagrimas nos olhos.

II

Decorreu um anno. Hasam regressou de Meca, satisfeito porque beijou o sepulchro do Propheta, e ditoso porque vai abraçar Zoraya. O crente cumpriu o seu dever; chegando á cidade santa, entrara no pateo da mesquita, fizera as necessarias abluções atravessara as ar-

Este acaso levou-o então a proceder a sua experiencia muito feliz: applicou como beberagem, a um individuo que emborecára acido phenico, uma dissolução de agua e vinagre, em partes eguaes.

Ahi fica mais esta receita.

Um caso extraordinario

Um caso extraordinario de ausencia de memoria acaba de succeder recentemente.

A 31 de agosto ultimo, o dr. William Bates, especialista de molestias de olhos muito conceituado em New-York, foi chamado para ver um doente que estava a bordo d'um navio ancorado no porto.

Passaram-se dias e dias sem que voltasse a casa, sendo improprias todas as pesquisas feitas pela familia e pela policia no sentido de o encontrarem.

Ora, ha dias, a esposa do dr. Bates recebeu uma carta em que se lhe dizia que o marido fôra visto em Londres.

Deixando immediatamente a America, a esposa, acompanhada por um filho de 9 annos, partiu para Inglaterra.

Chegada ali, e depois de colhidas varias informações, soube que o marido assistia ás conferencias scientificas nos hospitais e na Universidade.

Realmente, encontrou-o neste ultimo estabelecimento quando elle sahia d'uma das taes conferencias.

Envelhecera terrivelmente, está muito magro, e affecta uns ares extranhos.

Lembra-se que, a 31 d'agosto subiu para o bordo d'um navio que estava no porto de New-York, mas, a partir d'ahi a sua memoria apresenta uma completa solução de continuidade.

Nem sabe como chegou a Londres, nem porque motivo frequentava as conferencias scientificas.

Tudo é machinal nos seus movimentos e nas suas palavras.

A policia ingleza é de opinião que Bates foi victima d'algum miseravel, que, a bordo do tal navio, lhe roubou a carteira com valores importantes, assim como o estojo cheio de preciosos instrumentos, dando-lhe algum philtro e embarcando o em seguida n'outro navio para a Inglaterra.

As autoridades investigam de tão intrincado caso e o mundo sabio londrino interessa-se vivamente pelo dr. Bates.

Uma grande burla

A imprensa franceza vem-se occupando ha dias d'um escandaloso assumpto que ameaça tomar enormes proporções. Trata-se d'uma burla praticada em prejuizo de madame Cibet, riquissima proprietaria divorciada do marido, burla commettida por varios individuos, entre os quaes figuram um certo Rosenberg e um abbade de nome Guillaumin, os quaes conseguiram defraudar a referida dama em quan-

tias importantissimas, servindo se para isso de diferentes meios, já promettendo-lhe a annullação do matrimonio pela Curia pontificia, já levando a a crer que obteria magnificos resultados financeiros collocando os seus valiosos capitais de tal e tal fôrma. O abbade Guillaumin e um seu cunpllice chamado Gadoberg foram presos, mas o conego Rosenberg e o seu auxiliar o banqueiro Malleval conseguiram escapar. Aquelles negam a pés juntos toda a participação no crime, asseverando que elles proprios são victimas do conego, cujas aventuras parecem ser extraordinarias. A policia já procedeu a varias buscas nas casas de individuos envolvidos n'este caso de burla, tendo-se apoderado de varios papeis e documentos.

Gadoberg, o supposto cunpllice do abbade Guillaumin, foi posto em liberdade, dizendo o Figaro que elle insiste em se afirmar victima do conego Rosenberg e que tenciona apresentar queixa contra este por abuso de confiança.

Cambios

Está a 12 1/32 o cambio do Brazil sobre Londres.
Libra no Brazil: 19,5948 réis;
em Portugal, 5,5670 réis.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feição branco.....	15000
» encarnado.....	15100
» manteiga.....	900
» amarello.....	900
» mistura.....	800
» caraça.....	15000
» frade.....	800
Milho branco.....	600
» amarello.....	560
Trigo gallego.....	15060
» tremoz.....	940
Batatas, 15 kilos.....	240
Ovos, duzia.....	160

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

— Almanak do Registo Civil para 1903, que contém magnifica e interessante leitura. Preço 60 réis. A' venda na Associação de Beneficencia, Propagadora da Lei do Registo Civil, rua dos Douradores, 222, 2.º — Lisboa.

— Catalogo da Livraria Moraes, livros d'ocasião. — Obras nacionaes e estrangeiras. Vendas a prompto pagamento. Rua da Assumpção, 49 a 51 — Lisboa.

— A Engeitada, 3.º volume do magnifico romance de Camillo Castello Branco, editado pela acreditada Parceria Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 50 a 54 — Lisboa.

tava só, a meu lado vi um homem rodeado de celestes esplendores.

«Sou Mafoma... — disse-me elle. — Reconhecido pela fé de teu esposo, e pela excellencia das tuas virtudes com permmissão de Allah quero fazer-te um dom extra-humano. Cousegni que a neve descesse do céu e com esta neve fabriquei este menino que te dou de presente. Guarda-o porque é o premio das tuas virtudes; entrega-o a teu esposo quando elle voltar, e diz-lhe que o aue, que este filho é o seu, e que um dia será valente guerreiro.»

Em silencio, Hasam ouviu a narração de Zoraya. E quando ella terminou, inclinou-se para a creança, beijou-a, e disse com voz tranquilla e aspecto humilde:

— Bemvindo sejas! Respeitemos os designio de Allah!

III

Decorreram mais dez annos. Hasam dispõe-se a partir de novo para Meca. Zoraya despele-se d'elle, e depõe um beijo na fronte do filho que acompanha o pae.

A caravana parte e passado um anno, depois de agradecer a Mafoma os bens que tam derramado sobre sua familia, Hasam volta no-

— Oração ao Pão, de Guerra Junqueiro, editado pela Livraria Chardron de Lello & Irmãos — Porto.

— O Algarve, revista mensal — Director Jeronymo Negrão Buisel — Portimão.

— Revista d'Anthropologia Criminal. — N.º 2 — Boletim do Posto Anthropometrico junto da cadeia civil do Porto. — Publicação mensal — Assignatura: Portugal e Hespanha, anno, 25000 réis; Brazil, anno, 25600 réis; Provincias ultramarinas, 25000 réis; Paizes da união postal, 26400 réis; Avulso, 200 réis. Assigna-se no Porto Anthropometrico — Cadeia Civil do Porto.

Vamos enviar estas tres ultimas publicações ao nosso director que de certo não deixará de fazer a sua critica.

Aos agricultores

Vende-se uma porção de carris d'aço usados proprios para armar latadas, corrimões ou para outro qualquer fim, sendo o seu custo de 140 réis o metro, ou 25 réis o kilo.

Quem os pretender pôde dirigir-se em Aveiro, a José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, e em S. Jacintho, a Manes Nogueira.

VENDA DE PROPRIEDADE

Vende-se a quinta do Torreão, em Verdemilho, toda ou em partes.

Para esclarecimentos, em Aveiro, com José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, e na Quinta do Picado, com Francisco Cardosa.

Caso se não venda em globo até ao dia 16 de novembro, será arrematada, em partes, no mesmo local, no dia 23, pelas 11 horas da manhã.

SAPATARIA REIS
R. DOMINGOS CARRANCHO
(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

— E meu filho? — perguntou-lhe Zoraya, sahindo-lhe ao encontro.

— Tuu filho? — respondeu Hasam. — Isso é um segredo de Allah... Só elle sabe onde teu filho está. Escuta-me:

«Emprehen-li rumo para Meca, atravessai o deserto e ao chegar ao pé da altissima montanha a mais alta do caminho, a que mais se aproximava de Deus, lembrei-me subtil-a com nosso filho, a fim de dar graças ao céu pela honra que nós fez outorgando-te o meuino durante a minha ausencia.

«Ao chagar-me lá acima, voltámo-nos para o oriente, e começamos a orar. O sol que brilhava nas alturas, adquiriu de repente tons vermelhos, semelhantes ás linguas d'uma fogueira; o calor era horrivel. Eu sentia-me suffocado... O fogo do deserto era fresco, comparado áquelle... Não podendo por mais tempo resistir-lhe perdi os sentidos. Quando a mim tornei estava só...»

— E meu filho, então? — exclamou Zoraya.

— Tuu filho? Como era de neve, derreteu-se ao calor do sol.

FOLHETIM

O filho de neve

Nos fins da Syria, junto da alta montanha que aproxima da terra o primeiro dos sete céos, elevava-se a habitação do Hasam, o crente, o predilecto de Allah pelas suas virtudes, o heroe de cem combates. Hasam amava loucamente Zoraya, a formosa, de cabellos negros como tormentosas noites do deserto, de olhos verdes que ultrapassavam em transparência e em fulgor as esmeraldas que adornam o turbante do califa; de labios tão vermelhos como a romã, de dentes mais brancos que a neve do Atlas. O seu halito era perfumado, a sua voz igualava em doçura os cantos das liris; o seu corpo era tão esbelto como as palmeiras que crescem nos arredores da Damasco; o pé, pequenino, o pescoço bem torneado, o coração ardente.

Zoraya era a esposa de Hasam, e este adorava-a, como os filhos do deserto sabem adorar suas mulhe-

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, enca-deiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exultado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora - Secção Editorial - Largo do Conde Barão, 50, Lisboa* — ou aos seus agentes.

COSINHA PORTUGUEZA

OU

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém: — Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuário; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 31; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35); 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155. — Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Académica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importância, que é: — Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartongem, 700. Idem 760 réis.

CONSULTORIO

DENTARIO

DE

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra. Extrah, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1 vol.

SENHOR EU, de Farina. — 1. vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elysis — Rua Formosa, 282

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA

ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862

EM

Kaiserslautern

São estas as melhores machinas de costura



- A machina PFAFF para costureiras.
- A machina PFAFF para alfaiates.
- A machina PFAFF para modistas.
- A machina PFAFF para sapateiros.
- A machina PFAFF para seleiros.
- A machina PFAFF para correiros.
- A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a diuitero com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas. Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA

De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na biblioteca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

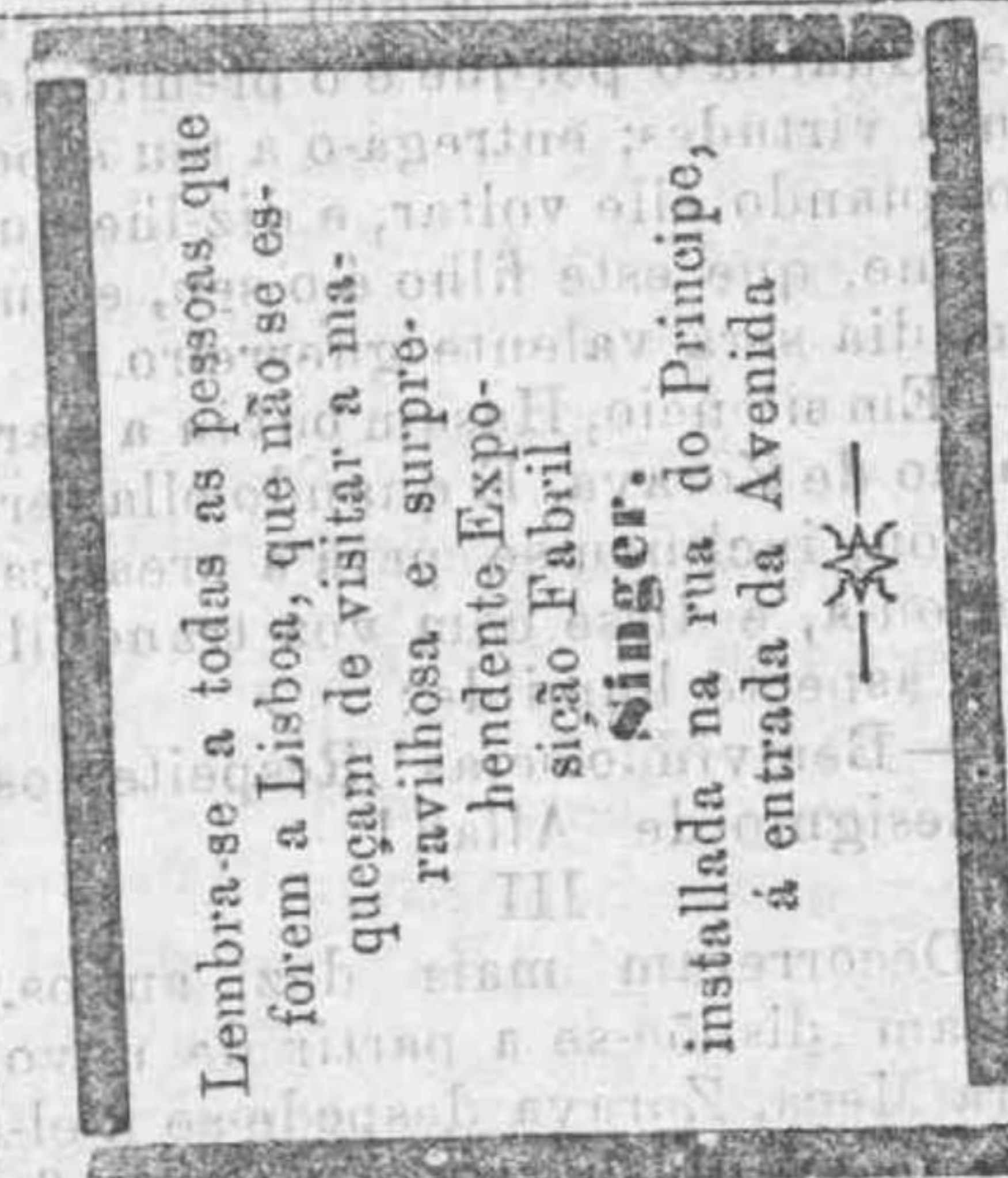
Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis
Cada vol. brochado.. 1:500 »
Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO — Livraria Nello Guimarães.



“Povo de Aveiro,”

Em Lisboa, na tabacaria

Monaco.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heróicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a côres

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Accabá de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encargamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 — LISBOA.

Preço 200

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brillante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entredo e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escripto polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levará tudo tão sobejo (Luz. Com.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e crianças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes *Clement* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.